

RAPONE, L. *O jovem Gramsci: cinco anos que parecem séculos. 1914-1919*. Rio de Janeiro: Contraponto; Brasília: Fundação Astrogildo Pereira, 2014

Daniela Mussi¹

A publicação em português do livro de Leonardo Rapone sobre a atividade política e intelectual de Antonio Gramsci, dos anos da Primeira Guerra Mundial aos primeiros momentos do “biênio vermelho” de Turim, é um evento importante para o desenvolvimento dos estudos gramscianos no Brasil. Um primeiro motivo é o modelo de pesquisa rigorosamente documentada que Rapone leva adiante, a recusa da “ilusão biográfica” narrada normalmente na mitologia cristalizada ao redor da imagem de Gramsci, ora “mártir” ora “herói”. Além disso, estrutura aberta do livro contribui para a apreensão do ritmo do trabalho de pesquisa empreendido em sua escrita, pois Rapone evita transformar o conjunto de seus capítulos em um caminho ascendente ou uma narrativa acabada.

O livro é composto por ensaios concebidos como faces de um mesmo prisma que tem a cultura socialista italiana, os dilemas do Partido Socialista Italiano durante a guerra e as primeiras reações à revolução na Rússia, como sua coluna vertebral. Gramsci é certamente seu personagem central, mas história pesquisada e narrada por Rapone não se contenta em tratar suas ideias de maneira hermética. De maneira mais geral, Rapone discute a crise da democracia liberal e da política partidária na Itália, em especial a socialista. As posições e polêmicas de Gramsci nesta época, afinal de contas, como representantes do desenvolvimento de uma crise internacional e nacional.

¹ Doutora em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

O título original do livro seria mais precisamente traduzido por *Cinco anos que parecem século: Antonio Gramsci do socialismo ao comunismo* (e não incluiria a expressão “Jovem Gramsci”, recurso usado pela tradução no Brasil, possivelmente para atrair um maior público). A escolha dos editores brasileiros, compreensível editorialmente, pode fazer passar despercebidamente dois elementos importantes. Em primeiro lugar, Rapone busca, com o livro, oferecer uma interpretação da transição política de Gramsci nestes anos, questão pouco discutida entre os pesquisadores gramscianos. Após décadas *Antonio Gramsci e o Príncipe Moderno*, de Leonardo Paggi, a publicação do livro de Rapone retoma o desafio da investigação da atividade intelectual de Gramsci antes do cárcere fascista e o problema do religamento possível dos fios que separam este “antes” de um “depois”.

O segundo elemento, correlato, é que a pesquisa de Rapone leva a uma negação da distinção entre um “jovem” e um “velho” Gramsci. Os fios que tecem sua narrativa não permitem esta linearidade, já que o ritmo do pensamento que Rapone reconstrói não se orienta por uma cronologia naturalista, mas sim pelos choques e rupturas não previstos da política, cujo efeito “intelectual” não é proposto a partir da noção “envelhecimento”, mas sim da noção de descoberta. Acompanhar os ensaios de Rapone sobre as primeiras iniciativas de Gramsci como intelectual socialista, é percorrer um caminho onde o erro e incerteza se combinam aos acertos e convicções, sem que se possa “separar o joio do trigo”. Rapone, neste sentido, parece acompanhar intimamente algumas das profanas reflexões presentes no processo de “formação da personalidade política” Gramsci.

Entre elas, Rapone individualiza a valorização por Gramsci da autonomia socialista como processo da “edificação de recursos próprios”, como fato íntimo e cultural. Tomando como base a mecânica divisão temporal, fica difícil responder a uma pergunta simples: se Gramsci se aproxima do movimento socialista com preocupações desta natureza, que sentido faz dizer que sua formulação madura hegemonia (como “guerra de posição”) seria uma ruptura com o economicismo marxista ou com o próprio marxismo? Por que Gramsci precisaria se filiar ao economicismo, em primeiro lugar, se – como mostra Rapone – sua aproximação com marxismo se deu quando já consciente da difusão deletéria do materialismo vulgar no interior do próprio movimento

socialista? Questões como essa só podem ser colocadas se o senso comum do “opinólogo” for confrontado com o arsenal crítico e engajado do pesquisador.

Rapone é historiador do fascismo e antifascismo italianos, especialista no pensamento de Leon Trotsky desde os anos 1970, membro do Conselho Editorial da importante revista marxista italiana *Studi Storici* e da comissão responsável pela publicação da *Edizione Nazionale* das obras de Gramsci. Seu currículo envolve, portanto, décadas de estudo e pesquisa sobre a história italiana da primeira metade do século XX. Alguns de seus resultados de pesquisa podem ser encontrados em importantes artigos publicados na *Studi Storici* e em coletâneas publicadas por outros intelectuais, especialmente aqueles vinculados à *Fondazione Istituto Gramsci* de Roma e aos estudos gramscianos italianos em geral. Rapone é, portanto, parte das gerações mais recentes – e não homogêneas – de pesquisadores italianos dedicados a vasculhar os escombros da história e do pensamento italiano, enfrentando a oficialidade marxista vulgar e a marginalidade a que o pensamento e a política socialista foram constrangidos em fins do século.

Com a tradução do livro de Rapone – que pode ter o feliz efeito de suscitar outras traduções de igual calibre – uma pequena parte deste esforço pode ser agora compartilhado pelos/as brasileiros/as e sacudir o senso comum entre nós, especialmente aquele que nos leva a rejeitar a pesquisa filológica rigorosa do pensamento de Gramsci como “academicismo” ou antiquarismo. O pensamento crítico no Brasil tem enormes desafios a sua frente. A absorção do que de melhor foi produzido na Itália sobre o desenvolvimento e o ritmo de pensamento de Gramsci, bem como das ferramentas elaboradas para tal, só pode contribuir com o fortalecimento desta luta político-cultural entre nós.